

Crónica

Portaria de louvor

Ministério de Instrução Pública—Secretaria Geral.— Atendendo ao alto e acrisolado labor científico da Direcção do Museu Etnológico Português e aos serviços prestados à investigação arqueológica e etnográfica pelos colaboradores da revista *O Archeólogo Português*;

Atendendo ao esforço persistente e ao sacrificio material que a mesma Direcção do Museu Etnológico Português tem feito para obtenção dos objectos que enriquecem as já hoje vastas galerias do referido Museu;

Atendendo ainda a que cabe ao Ministério da Instrução Pública patrocinar empreendimentos deste alcance, que muito elevam o país no conceito das nações cultas e proporcionam aos estudiosos grande cópia de materiais científicos:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja dado público testemunho de louvor à Direcção do Museu Etnológico Português e à revista *O Archeólogo Português*.

Paços do Governo da República, 15 de Fevereiro de 1918.— O Ministro de Instrução Pública, *José Alfredo Mendes de Magalhães*.

(*Diário do Governo* n.º 52, 2.ª série, de 20 de Fevereiro de 1918).

L. S. M.

Excursão arqueológica

Em 9 de Maio de 1918 parti de Lisboa para o Cadaval, e de lá fui a outras localidades, tais como Pragança, Peral, Columbeira e Leiria. Regressei a Lisboa em 27.

Adquiri bastantes objectos para o Museu Etnologico.

Entre as pessoas que me obsequiaram especifico: S.^{ores} João Ribeiro, de Adão-Lobo, que me ofereceu um podão, ornamentado com uma moeda no cabo; Abel Gaspar, da mesma localidade, que me cedeu um lindo raspador de fibrolite; Leonel Ribeiro, da mesma localidade, que me ofereceu duas figurinhas de barro antigas que representam aguias, destinadas a terem ramos de flores artificiais fixos na cabeça; Anselmo Marques da Silva, do Cadaval, que me ofereceu um real-preto de D. Duarte, e um ceitil de D. Afonso V,

e foi meu companheiro de excursões; Graciano Siopa, da mesma vila, que me ofereceu uma moeda de prata do Norte de Africa, que tem figurado um hexalfa; Antonio Rodrigues dos Reis, da mesma vila, que me ofereceu trinta moedas de prata e cobre, portuguezas e estrangeiras; José Antonio Leandro, de Pragança, que me ofereceu tres machados de pedra; Pedro Filipe, da mesma localidade, que me ofereceu um espelho de porta artistico, do sec. XVIII, e me acompanhou numa excursão archeologica; Joaquim Martins, de Leiria, que me ofereceu um baralho de cartas de jogar, de character historico, e varios espécimes de papel selado, antigo.

Por compra obtive: facas e setas prehistoricas de silex; uns quinze instrumentos neolíticos, alguns d'elles muito belos; dois machados de bronze, e várias miudezas da mesma epoca; uma moeda portugueza de prata do sec. XVIII; amuletos portuguezes; objectos de ethnografia artistica, etc.

*

Em Leiria vi o Museu Regional, que se deve principalmente ao esforço do S.^{or} Tito de Sousa Larcher, antigo redactor da *Leiria Ilustrada*, e pessoa muito sabedora, e dedicada ao bem da sua terra. O Museu foi criado em Novembro de 1917, e serviu-lhe de nucleo uma collecção de objectos particulares do S.^{or} Larcher, o qual depois continuou a reunir cousas de várias procedencias, de extintos conventos, do paço episcopal, etc. O Museu podemos considerá-lo formado de secção numismatica, e secção archeologica propriamente dita.

No que toca a Numismatica, possui o Museu algumas moedas da Republica e Imperio romano, de cobre e prata; tres moedas arabicas de prata; algumas portuguezas, de prata e cobre, do continente, ilhas e colonias; moedas estrangeiras, de prata e cobre (Brasil, Hespanha, Norte de Africa, Africa Oriental); cedulas da Casa da Moeda; *fichas* madeirenses de 40 e 50 réis, de Vicente de Oliveira & C.^a, de 1799; senhas, do mesmo genero, da *Companhia de Boror* (Zambezia), de estanho ou aluminio, com a fôrma de quadrado perfeito, e de quadrado cortado nos angulos¹. Tambem aí vi pesos de *r*(apé), *s*(abão), *p*(olvora), e varias medalhas portuguezas (poucas).

¹ Têm no anv. *Companhia do Boror* * Zambezia *, e no centro, dentro de um circuito granulado, respectivamente «200» e «100»; no rev., dentro de outro circuito granulado, uma estrela de cinco raios, com BOROR no centro. Possuem um orificio, para os Pretos as enfiarem.

Na secção arqueologica ha objectos pre-romanos e romanos, tudo provindo do local de S. Sebastião, que é já conhecido dos antiquarios: tres machados de pedra; contas de vidro azul, e um fragmento de uma conta oculada, grande; moedas coloniais ibericas; fibulas e fivelas; uma pinça de bronze (*forceps*); fragmentos de uma chapa de bronze pequena, de 2 milímetros de espessura, e com inscriçãõ em que só leio o que se vê na fig. 1: *mi erarum arumi*; um peso de barro (*pondus*), que tem no topo o suastica e uma inscriçãõ que, depois de bem examinada, li assim: *Bovanni(s) Bouti(i)*¹ (vid. fig. 2); outros pesos, mas anepigrafos; dois cossoiros de barro (*verticilli*), um d'elles com traços ornamentais. De epochas mais recentes tem o Museu: mobilia, loiça, quadros, objectos de igreja (castiçais, turibulo, candelabro), veronicas, sinetes.



Fig. 1



Fig. 2

Oxalá os Colipolenses auxiliem, como devem, os esforços e o patriotismo do S.^{or} Larcher. Em Leiria existe um Liceu; o Museu Regional oferece sem dúbida optimo campo para os alumnos irem ali receber lições práticas de Historia e Arte antiga.

Junto do Museu ha uma rica Bibliotheca, igualmente a cargo do S.^{or} Larcher, e a ele devedora de muito do que contem. Estão nela muitos livros do antigo paço episcopal. O S.^{or} Larcher não se tem descuidado de, a par de obras impressas, coligir obras manuscritas: entre as ultimas notei o fragmento de uma antiga arte de canto.

*

Na minha excursão visitei uma gruta, onde já appareceu uma lança de sillex, de esplendida feitura, e muitos cranios. Falar mais especificadamente d'isto ficará para outra vez.

J. L. DE V.

¹ Isto é: «Bovano, filho de Boucio». A palavra *Bovannius* apparece agora pela primeira vez, quanto sei, na epigrafia peninsular; deriva do tema de *Bovanna*, que se lê numa inscriçãõ de Coria (*Corpus*, II, 775). *Boutius* é palavra muito conhecida. Acêrea do suastica vid. *Regiões da Lusitania*, III, 633. Temos nesta inscriçãõ certamente uma marca figulina, como se póde inferir do suastica.